



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
EDUCAÇÃO ESCOLAR**

ALINNE BARBOSA CABRAL

**RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: DE SUA PARTICIPAÇÃO, COMPROMISSO,
ENGAJAMENTO À SUA CORRESPONSABILIZAÇÃO**

**CAMPINA GRANDE
2021**

ALINNE BARBOSA CABRAL

**RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: DE SUA PARTICIPAÇÃO, COMPROMISSO,
ENGAJAMENTO À SUA CORRESPONSABILIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Moura Montenegro.

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C117r Cabral, Alinne Barbosa.
Relação família e escola: de sua participação, compromisso, engajamento á sua corresponsabilização [manuscrito] : Família e Escola / Alinne Barbosa Cabral. - 2021.
43 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro , Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Educação. 2. Relação família-escola. 3. Ensino fundamental. 4. Processo ensino-aprendizagem. I. Título
21. ed. CDD 372

ALINNE BARBOSA CABRAL

**RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: DE SUA PARTICIPAÇÃO, COMPROMISSO,
ENGAJAMENTO À SUA CORRESPONSABILIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: 10/11/2021.

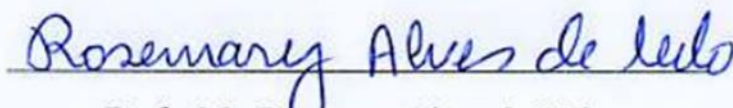
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Maria do Socorro Moura Montenegro (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Cristina de Aragão (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Ms. Rosemary Alves de Melo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

À Deus, primeiramente, por ter me dado força, foco e fé todas as vezes que Lhe pedi.

À professora Socorro Moura Montenegro, por ter aceitado a orientação, fazendo-me crer que eu tinha capacidade de concluir a travessia, iniciada pelas leituras necessárias ao longo dessa orientação e por sua dedicação a esse trabalho.

Ao meu esposo Mário e a minha filha Maria Alice, por ter me dado coragem para lutar cada dia e alcançar novos objetivos.

Aos meus pais Pedro Cabral e Marli Barbosa Cabral, por sempre estar me motivando para eu não desistir da caminhada.

A todos os professores, que passaram por mim no decorrer do curso e, de certa forma, contribuíram para eu chegar até esse momento de grande importância em minha vida acadêmica.

Aos colegas e amigas de classe, pelos momentos de amizade e apoio. Em especial a minha amiga irmã Maria Elayne Ribeiro, que durante os quatro anos da graduação em Pedagogia esteve sempre presente comigo me dando força nos momentos que precisei na angústia ou na alegria, esteve todas as manhãs letivas, seja na academia, no trabalho sempre me orientando. Que a sua vida seja abençoada grandemente! Da UEPB para a vida.

RESUMO

Este é um estudo que se preocupa com a questão da relação família e escola. Por essa razão, precisamos trazer à tona reflexões acerca da participação, do compromisso, do engajamento e da corresponsabilização da família na escola. Com base nisso, o estudo tem como objetivo geral investigar como ocorre a relação família-escola no processo de ensino-aprendizagem de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I de uma escola pertencente à rede municipal de Queimadas - PB. Consideramos que a família é a primeira instituição ideológica da qual a criança faz parte e, por isso, não pode negligenciar a sua participação no cotidiano escolar da criança, no sentido de comprometer-se, engajar-se e sentir-se corresponsável pela educação dos seus filhos. Também consideramos que a família é a base para qualquer ser humano crescer embasado em valores, atitudes morais, afetivas e éticas para conviver na sociedade e que, quando há falta da família em qualquer etapa da vida, sempre vai haver uma necessidade. Na escola, a falta de compromisso da família com relação à vida escolar, muitas vezes, acarreta danos para a aprendizagem e, conseqüentemente, uma lacuna para toda vida em todas as etapas. Metodologicamente, esse estudo adota a pesquisa qualitativa, o que implica desenvolver um processo de esclarecimento recíproco entre a imagem que tem o pesquisador do objeto de pesquisa e dos conceitos que emolduram a investigação. Utilizamos, mais particularmente, a técnica da entrevista semiestruturada, considerando que essa técnica auxilia no desenvolvimento e na compreensão das relações entre atores sociais e a sua situação. Com isso, pudemos ter uma compreensão um pouco mais detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. Teoricamente, apoiamo-nos em Freire (2010), Vygostky (2007), Piaget (2007), Bourdieu (1998) e outros.

Palavras-Chave: Relação. Família. Escola.

ABSTRACT

This is a study that is concerned with the issue of the relationship between family and school. For this reason, we need to bring up reflections on the participation, commitment, engagement and co-responsibility of the family in the school. Year of Elementary School I in the municipal network of the city of Queimadas - PB. Because the family is the first ideological institution of which the child is a part and, for this very reason, we understand that the family cannot neglect its participation in the child's daily school life, in the sense of committing, engaging and feeling co-responsible for the education of their children. Taking into account that the family is the basis for any human being to grow based on values, moral, affective and ethical attitudes to live in society. When there is a lack of family at any stage of life, there will always be a need, as it happens at school, often the lack of commitment to school life causes damage to learning and, consequently, a gap for life at all stages. The methodology of this study focuses on qualitative research, which involves developing a process of mutual clarification between the image that the researcher has of the research object, on the one hand, and the concepts that frame the research, on the other. As a strategy for data collection, I used the technique of qualitative interview, as this technique provides the basic data for the development and understanding of the relationships between social actors and their situation. Thus aiming at a detailed understanding of beliefs, attitudes, values and motivations, in relation to people's behavior in specific social contexts. Therefore, we rely on some theorists such as Freire (2010), Vygostky (2007), Piaget (2007), Bordieu (1998).

Keywords: Relationship. Family. School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 REVISÃO DA LITERATURA	09
2.1 O que a teoria diz sobre o papel da família	09
2.2 O que a teoria diz sobre o papel da escola e sua função social	11
2.3 O que a teoria diz sobre o papel do professor e seu compromisso político com a educação	14
3 METODOLOGIA	19
3.1 Contextualização da escola.....	19
3.2 Contextualização da pesquisa.....	20
4 RELATOS E DISCUSSÃO.....	21
4.1 Análise dos dados da entrevista com os pais	21
4.2 Análise dos dados da entrevista com as professoras	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICES	39

1 INTRODUÇÃO

A desatenção dos pais em relação aos filhos tem provocado problemas de toda ordem. Um desses problemas está na sobrecarga que as escolas sofrem por conta disso. A escola, na verdade, tem sido umas das instituições que mais tem sofrido com os desajustes da família. Todos os professores têm algumas histórias nada edificantes para contar sobre este tema. A gravidade do assunto é preocupação de um grande educador argentino chamado Juan Carlos Tedesco (CORDEIRO, 2018).

Esse autor dedicou parte de sua obra *O novo pacto educativo* (TEDESCO, 2002) ao que denominou de "déficit de socialização dos alunos". Em outras palavras, conforme o autor, a família, primeira instituição socializadora, não está cumprindo o seu papel, o de fazer com que as crianças assimilem regras e valores básicos, necessários à convivência social. Conseqüentemente, elas não têm aprendido a "comportar-se", a ter "bons hábitos", a "respeitar o direito dos irmãos e colegas", etc.

Com base em tal contexto, este trabalho direciona-se ao estudo sobre a relação família e escola, buscando mostrar a importância dos pais na vida escolar dos educandos, uma vez que a família é a primeira sociedade de uma pessoa e é de fundamental importância para o processo de ensino-aprendizagem. Quanto mais cedo a família participar do cotidiano escolar da criança, melhor serão seus resultados. Assim, a família é a base para qualquer ser humano crescer com valores, atitudes morais, afetivas e éticas para conviver na sociedade.

Sabemos que em uma família compromissada com a vida escolar de seus filhos, esses alunos têm mais chances de ter um "bom" rendimento escolar, de ter um "bom" comportamento e até serem mais bem-sucedidos no contexto educacional. Isso porque é na família que começamos a aprender a termos controle emocional, a sermos organizados e sermos responsáveis, compreendendo que essas são algumas das virtudes desenvolvidas no âmbito familiar ou, pelo menos, é o esperado ter em uma família que deixa valores para seus filhos.

Por outro lado, o modo como a escola constitui-se é determinado por um tempo social, histórico e cultural. Muitas vezes, podemos verificar que existe uma distância entre a cultura escolar e a dos alunos e pais, ou seja, uma distância entre as pretensões e expectativas desses sujeitos em relação à escola. Tudo isso pode ser fonte de vários problemas, especialmente o fracasso escolar (BARBOSA, 2004). Porém, acreditamos que os pais que se dedicam, se esforçam em ajudar os filhos, sabem que a escola é o alicerce para construir uma base sólida,

juntamente com o apoio deles. Família e escola são, foram e sempre serão uma parceria de sucesso.

A presente pesquisa observa que os problemas da sala de aula e as dificuldades de aprendizagem dos alunos podem ser fortemente influenciados pela falta de participação dos pais, percebendo nesse tema uma sólida oportunidade de investigação. Até que ponto a parceria família-escola ajuda no processo de ensino-aprendizagem dos educandos? Hoje em dia, como as famílias estão comportando-se em relação à escola? Como estão participando da vida escolar dos seus filhos?

Os problemas na sala de aula são diversos: queixa de um aluno xingado pelo outro, dificuldades de aprendizagem de um determinado educando e as chacotas de colegas sobre os seus erros, sala de aula com diferentes níveis de aprendizagem, a posição dos pais, os quais, muitas vezes, pensam que sua obrigação é matricular o filho na escola e a partir daí toda a responsabilidade passa a ser dos professores, a ausência da família em quase todos os momentos da vida escolar dos seus filhos (reuniões de pais e mestres, colaboração na atividade de casa, não respondem à agenda escolar). Na Escola Valentim Barbosa, contexto desta investigação, a situação repete-se constantemente. Portanto, como a relação família-escola interfere no processo de ensino-aprendizagem da turma do 3º ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Valentim Barbosa, pertencente à rede municipal de Queimadas - PB?

A partir disso, temos como objetivo geral investigar como ocorre a relação família-escola no processo de ensino-aprendizagem de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I na rede municipal de Queimadas - PB. Temos como objetivos específicos: identificar a importância de relação família e escola no processo de aprendizagem da turma do 3º ano; investigar se há diálogo entre família e escola na escola pesquisada; verificar se a família reconhece sua importância para o sucesso e/ou fracasso no processo de ensino-aprendizagem dos seus filhos.

Partindo dessa perspectiva, estamos somando conhecimentos e, assim, proporcionando uma contribuição a mais para a sala de aula e para o ambiente profissional. Acreditamos no estímulo para que os professores não se desmotivarem, estejam atentos a fazer a diferença na educação, mostrando que é a educação que move o mundo e que não somos apenas transformados por ela, mas a transformamos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O que a teoria diz sobre o papel da família

Nesta revisão da literatura, não poderíamos negligenciar reflexões direcionadas ao papel da família. Entendemos, por consequência, que é importante e necessário tratar sobre esse papel em relação à escola, mesmo que esse tópico intencione, tão somente, desenvolver reflexões mais aprofundadas sobre o papel da família. Apesar disso, sabemos que, de fato, o papel da família é discutido não só no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), mas também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que apresenta em seu Art. 1º o seguinte discurso: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

A LDB é muito clara quando vem nos dizer que a educação abarca os processos formativos que ocorrem, em primeiro lugar, no ambiente familiar e, em segundo lugar, no ambiente educacional/ambiente escolar, assim como no trabalho e em outros espaços sociais. Associado a isso, a família é, sim, a primeira instituição social da qual o sujeito faz parte. Por essa razão, não podemos perder de vista que é de suma importância a sua participação na vida do sujeito, isto é, a família precisa acompanhar o crescimento pessoal e intelectual dos seus filhos. Assim, podemos afirmar que a família é a base para qualquer ser humano crescer imbuído de valores e de atitudes morais, afetivas e éticas para conviver na sociedade.

Queiramos ou não, assim como tudo vai se modificando ao longo da vida, a história não poderia ser diferente com relação à família, embora esta continue sendo um sistema de vínculos afetivos, porque é no contexto familiar que pode se dá todo o processo de humanização do sujeito. Nessa direção, compreendemos que o contexto familiar estável e afetivo pode contribuir, positivamente, para o “bom” desempenho escolar da criança. Do mesmo modo, um lar desajustado, mal estruturado social e economicamente, pode contribuir negativamente para o “mau” desempenho escolar das crianças.

[...] a família é um complexo sistema de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas ligadas diretamente às transformações da sociedade, em busca da melhor adaptação possível para a sobrevivência de seus membros e da instituição como um todo. Sendo assim, o sistema familiar muda à medida que a sociedade muda, e todos os seus membros podem ser afetados por pressões interna e externa, fazendo que ela se modifique com a finalidade de assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros (MINUCHIM, 1988 *apud* VALLE, 2009, p. 122).

A família representa um espaço de socialização, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência, vai adaptando-se de acordo com as exigências da sociedade, com as mudanças econômicas, sociais e políticas que emergem em cada contexto. Sendo assim, houve várias mudanças no eixo estrutural de cada família.

No código de 1916, “família legítima” era definida apenas pelo casamento oficial. Em janeiro de 2003, começou a vigorar o Novo Código Civil, que incorporou uma série de novidades, sendo que a definição de família passou a abranger as unidades formadas por casamento, união estável ou comunidade de qualquer genitor e descendentes. O casamento passou a ser “comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges” [...]; os filhos adotados ou concebidos fora do casamento passaram a ter direitos idênticos aos dos nascidos dentro do matrimônio; a palavra “pessoa” substituiu “homem” e o “pátrio poder” que o pai exercia sobre os filhos passou a ser “poder familiar” e atribuído também à mãe. A Lei do Divórcio, de 1977, atribuía a guarda dos filhos ao cônjuge que não tivesse provocado a separação ou, não havendo acordo, à mãe. Hoje, é concedida a “quem revelar melhores condições para exercê-la” (CAHALI, 2003, p. 467-480).

Entre os anos de 2020-2021, mais mudanças ocorreram nos seios familiares, algumas das quais avassaladoras. Logo no início do ano de 2020, todos nós nos deparamos com uma pandemia de um novo vírus, denominado *Coronavírus*, que matou muitas pessoas, fechou escolas, com muitas perdas sociais, econômicas e conseqüentemente uma atribulação psicológica para muitos seres humanos. Por causa da pandemia, muitas famílias perderam seus empregos, creches e escolas foram fechadas, e as famílias ficaram dentro de casa por um período longo, com registros de que muitas mulheres sofreram violência doméstica, casos de mãe assassinando seu próprio filho, uma desorganização no âmbito familiar.

A família passa por muitas transformações cada vez que a sociedade muda ou precisa rever novos comportamentos e modelos de constituir valores. Por outro lado, acreditamos que a educação é baseada em diálogos, escuta, atenção à pessoa, porque a partir da construção de um diálogo, em que todos possam aprender e escutar, vamos melhorar os relacionamentos, vamos respeitar cada atitude.

Algumas atitudes podem ser difíceis. De acordo com o *status* social da família, nem sempre é possível os pais atenderem a todos os requisitos para ajudar seus filhos em algum problema encontrado em sala de aula. Porém, isso pode ser compensado quando os pais de alguma forma demonstram interesse por participar das vivências escolares de suas crianças, elogiam quando seus filhos realizam todas as tarefas da escola, lhes auxiliam no que podem.

Pires (2018) corrobora com a ideia de que o desempenho escolar individual de cada aluno depende não apenas do seu rendimento em sala de aula e da competência de seus professores, mas também do apoio da base familiar encontrada por este aluno em sua casa. A

relação entre família e escola e, principalmente, a maneira como a família de cada educando comporta-se em relação ao seu desempenho escolar influenciam os resultados obtidos por crianças e adolescentes, independente de classe social. Uma base sólida, com os pais interessados e, até mesmo, ajudando na execução das tarefas escolares, faz este estudante render mais em todos os âmbitos de sua carreira escolar.

Não basta apenas que os pais se preocupem e estejam presentes nas horas de estudos, eles devem também ter a capacidade de percepção para notar quando seu filho não está em desempenho adequado em alguma matéria e buscarem soluções: seja ajudando-os a estudar, seja contratando professores particulares para as carências serem supridas. O sucesso familiar contribui em todas as áreas da vida humana. Afinal, na família a criança encontra os reflexos motivadores para encontrar sucesso, os pais são as raízes para o estudo das crianças e seu bom desempenho.

2.2 O que a teoria diz sobre o papel da escola e sua função social

Inicialmente, trazemos aqui para a reflexão o significado da palavra *escola*. Segundo a *Wikipédia*, escola “tinha como significado, discussão ou conferência, mas também folga ou ócio. Este último significado, no caso, seria um tempo ocioso onde era possível ter uma conversa interessante e educativa. Hoje é uma instituição concebida para o ensino de alunos sob a direção de professores”.

Faz-se necessário falar de escolas, vinculá-las ao processo histórico/evolutivo da educação brasileira. As escolas, quando fundadas, tinham e seguiam um modelo europeu. Conforme Maamari (2009), o intuito era a educação dos filhos dos colonos e a ênfase era dada para a formação de homens do Clero e do Estado. Essas escolas seguiam um modelo voltado principalmente para os ensinamentos religiosos e do puritanismo, característica importante para que houvesse uma reformulação nos sistemas de ensino.

No Brasil, a herança da educação advém dos jesuítas com ensinamentos morais e religiosos e os seus métodos pedagógicos, que foram um marco na história da educação. Com a expulsão dos jesuítas, houve uma ruptura desse modelo de educação. Posteriormente, já quando o Brasil se tornou República, a escola passou a ter um papel mais estruturado na sociedade, em um modelo que tinha por princípio a liberdade de exclusão do poder da Igreja, ou seja, a laicidade no processo educacional. Com isso, a educação passou a ter um formato mais voltado para a sociedade, sendo direito de todo cidadão garantido pela Constituição.

CAPÍTULO III – DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO Seção I – DA EDUCAÇÃO. Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

No século XX, com a elevação do Brasil no mercado capitalista, surge a necessidade de qualificação de mão de obra para atender à grande demanda das fábricas com produção. Diante disso, surgem as relações entre trabalho e sociedade, exigindo mão de obra especializada e isso só vinha por meio da educação. Até hoje a cultura de que a escola é a garantia de um bom emprego e de que, quanto maior o nível de capacitação, menores serão as chances de desemprego está interiorizada.

Muitos foram os processos e as mudanças de regimento das escolas para tornarem-se o que elas são hoje, instituições de ensino com regras, normas e uma série de obrigações, que vêm se constituindo como eixo tão forte quanto o familiar. A escola passou a ser vista pela sociedade como de suma importância para todas as esferas governamentais e familiares. Geralmente, todos têm uma certa preocupação em manter seus filhos/crianças na escola. Em razão disso, queiramos ou não, a escola, enquanto instituição primária, é uma extensão da sociedade tanto para as crianças como para os jovens e adultos se apropriarem do conhecimento, de forma legal. Nesse sentido, compreendemos que, quando se frequenta a escola:

A partir de uma visão social e crítica do desenvolvimento humano, em especial a teoria sócio-histórica de Vygotsky (1998a, 1998b), entende-se que o ambiente, ao oferecer tarefas de ingresso ao mundo cultural, profissional e social, provoca o desenvolvimento das crianças em direção a estágios mais elevados, sendo a intervenção pedagógica fundamental para provocar os avanços que não ocorreriam espontaneamente (MARQUES; CASTANHO, 2011, p. 23).

É de extrema importância e necessidade que tenhamos escolas públicas e privadas que valorizem a cultura/conhecimento e que possuam, nos seus quadros, competentes e comprometidos professores para atuarem ofertando um ensino de qualidade à comunidade escolar, de modo que participem de constantes formações continuadas para professores e ofereçam materiais adequados para os alunos. Na nossa visão, a escola é um ambiente em que construímos, sobretudo, saberes, incluindo também normas e regras que podem e devem ser construídas no próprio ambiente escolar. Nesse espaço escolar, é vital que os saberes sejam difundidos, já que estes são oriundos de todas as formas de expressões de conhecimentos prévios vindos das crianças, dos professores e todo o corpo constituído.

Não se pode perder de vista que a escola passa por transformações, por dificuldades e evolui constantemente, porque entendemos que o saber não é uma verdade absoluta, os saberes são múltiplos e cabe ao professor ter essa clareza. Compreendemos também que as escolas têm seus projetos político-pedagógicos, de acordo com as suas reais necessidades, suas características e suas particularidades específicas. Sabemos que as escolas públicas, que permeiam a esfera municipal e a estadual, e as escolas privadas possuem suas regras e normas, mas que basicamente se encaixam em um só objetivo: garantir a educação como ciência para crianças, jovens e adultos.

Além disso, entendemos que a escola não se restringe apenas a seu espaço físico, em que encontramos pessoas, fazemos amigos e aprendemos a ler e a escrever, mas é também um espaço em que podem e devem acontecer políticas que acabem favorecendo a própria comunidade na qual a escola está inserida, no sentido de se planejar melhorias no bairro, na casa, na vida. Nesse sentido, a escola toma uma dimensão muito mais ampla por acreditarmos que a educação extrapola os muros da escola, até porque a educação acontece muito antes de irmos para a escola, ela acontece no ambiente familiar e nos demais espaços sociais, assim como diz Brandão (1985, p. 7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós nos envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. [...]. Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece [...]; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é o único praticante (BRANDÃO, 1985, p. 7).

Como bem explica Brandão (1985), a educação é e deve ocorrer de modo intencional, quando partimos de pressupostos teóricos e quando há uma prática educacional séria e comprometida. No Brasil, a Educação Básica organiza-se em níveis de ensino, de acordo com a faixa etária dos alunos; Educação Infantil compete ao município; Ensino Fundamental ao estado e município; Ensino Médio ao estado. É de suma importância saber a quem compete e de quem é a responsabilidade de cada etapa do ensino para podermos fiscalizar com competência e clareza os diferentes destinos oferecidos para o ensino.

2.3 O que a teoria diz sobre o papel do professor e seu compromisso político com a educação

A relação professor/aluno deve pautar-se na confiança, desde que o diálogo esteja presente para que essa mediação ocorra. Nesse sentido, compreendemos que o espaço de sala de aula deve ser marcado por um ambiente cooperativo e estimulante, de modo a favorecer o desenvolvimento e as manifestações das múltiplas inteligências e, ao mesmo tempo, promover a interação entre os distintos significados apreendidos pelos alunos, ou criados por eles, a partir das propostas que realizarem e dos desafios que, porventura, vencerem.

Tanto a escola quanto a família têm ou devem ter o seu papel assegurado no desenvolvimento das crianças e dos alunos, assim como na relação professor-aluno. Mesmo que deixem transparecer uma natureza antagônica, oferecem riquíssimas possibilidades de crescimento. Para além disso, reconhecemos que vivemos numa sociedade contemporânea e em constante evolução, porém “pagamos um preço” por esse progresso. As pessoas esquecem que mais importante do que o dinheiro e sucesso é o convívio social harmonioso. Na incessante busca por seu espaço privado, as pessoas, de certa forma, isolam-se.

Segundo Libâneo (2003), se as pessoas estivessem sempre isoladas em seus espaços privados no mundo nem a história nem a vida política seriam possíveis. Sendo assim, as práticas educativas estão cada vez mais fragilizadas, diante da nossa realidade social, sobretudo, nesse tempo de pandemia com as aulas remotas, pois professores estão cada vez mais desmotivados e alunos passando por momentos de completa anormalidade, em que a única proteção é, sem dúvida, o seio familiar.

Sequer as leis estão sendo respeitadas, em sua maioria. Tudo isso precisa ser construído no âmbito escolar. Temos como exemplo, hoje, a falta de respeito de alguns alunos pelos docentes que, a nosso ver, é algo cultural, posto que em tempos de outrora os professores sempre foram extremamente respeitados. Isso precisa ser amplamente discutido na escola, seja com a família, seja com os próprios alunos, sabendo que, na maioria das vezes, essa falta de respeito para com os professores é estimulada pela própria família.

Compreendemos que a postura de alguns professores advém da forma com a qual ele concebe o ensino, a aprendizagem, a avaliação, o aluno, a escola. Somos originados de um ensino tradicional e tecnicista, por essa razão, precisamos nos policiar sempre para que possamos minimizar posturas inadequadas, posturas antidemocráticas que, na maioria das vezes, refletem-se no comportamento como “donos” do saber, não estabelecendo uma relação

dialética. Isto é, tratam o ensino, como já foi dito anteriormente, como sendo verdade absoluta, como se existisse uma única verdade.

Segundo Del Prette (2001), o professor encontra no ambiente escolar um campo fértil, não só para o ensino-aprendizagem de habilidade acadêmica, mas também um espaço de interação mútua, que possibilita levar o aluno a crescer e respeitar o outro. Assim, a escola, além de um espaço social, é ativa e, por isso mesmo, deve ser democrática. As relações interpessoais não só devem ser, como são uma constante na rotina escolar, que se dá nessa relação entre educador, educando e todos os que fazem parte da escola, incluindo o gestor, o vigia/porteiro, o merendeiro, o auxiliar, etc., com vistas a formar um sujeito, ora criança, ora jovem, para a vida inteira, não só para a escola. Portanto, devemos assumir o processo de descoberta, de crescimento da criança ou do adulto, de modo a acreditar nesse sujeito, no seu devir, no seu potencial, no que essa criança pode vir a ser, só depende de nossa forma de enxergar o mundo e a escola, trazendo a família para juntos contribuir decisivamente para a formação integral de nossos alunos/crianças.

Educador que não assume a orientação, a direção desse processo, perde a oportunidade de fazer educação. Com medo de ser autoritário, cai no espontaneísmo, abandonando a condução de um processo que a ele cabe assumir enquanto professor (FREIRE, 1986). Conforme Bourdieu (1998), a escolarização faz parte das estratégias familiares e reprodução da posição social.

Quanto maior o peso do capital cultural no conjunto do patrimônio de um grupo familiar e quanto maior a importância desse capital na definição da posição social atual e futura do grupo em questão, maiores são os níveis de expectativas e de investimento na escolarização dos filhos. Assim, as famílias dos meios populares poderiam investir na escolarização dos filhos por, de alguma forma, perceberem que as chances de sucesso escolar e de mobilidade social por meio da escola são grandes, caso tivessem consciência da importância do capital cultural.

Na verdade, em função do baixo capital econômico, ocorre de muitas famílias se veem necessitadas de inserirem logo seus filhos no mercado de trabalho, em detrimento da possibilidade de construírem trajetórias escolares mais longas. As famílias das classes médias, ao contrário, especialmente aquelas cuja posição social definem-se basicamente em função dos títulos escolares, tendem a investir pesada e sistematicamente na escolarização dos filhos.

As pesquisas desenvolvidas a partir dos anos de 1980 investigaram as famílias e sua relação com a escola de forma cada vez mais detalhada (NOGUEIRA *et al.*, 2000). Analisaram-se o modo como as famílias escolhiam e interagiam com a escola dos filhos, as

maneiras como acompanhavam os deveres de casa e eventualmente promoviam atividades extraescolares, as reações diante do fracasso escolar, etc. Servindo-se mais de métodos qualitativos, essas investigações passaram a estudar como as características, os modos de interação, as práticas cotidianas e as dinâmicas históricas de famílias concretas repercutiam na relação com a escolarização dos filhos.

Um dos temas centrais de pesquisa passou a ser o do sucesso escolar nos meios populares. Investigaram-se como diferenças secundárias entre famílias de um mesmo meio social podiam favorecer ou dificultar o sucesso e a longevidade escolar dos alunos. Se, por um lado, essas novas abordagens romperam com o determinado nas pesquisas anteriores, ao acentuarem que as famílias não se reduzem a sua posição de classe, por outro, elas continuaram a evidenciar o papel central ocupado pela família ao longo de todo o processo de escolarização. Em parte, com base nessas evidências, tem se multiplicado as iniciativas de estímulo a uma maior participação dos pais nos processos de escolarização. No mundo inteiro têm sido criadas campanhas, projetos e mesmo cursos de preparação dos pais, visando a intensificar e aprimorar a interação deles com a escola e a escolarização dos filhos.

Geralmente, os pais pensam em cumprir, minimamente, com sua obrigação de matricular o filho na escola. A partir disso, toda a responsabilidade passa a ser da escola, dos professores, de modo que se torna evidente a ausência da família em quase todos os momentos da vida escolar dos seus filhos (reuniões de pais e mestres, colaboração na atividade de casa, falta de respostas à/s agenda/s escolar/es), tudo isso são indícios de atitudes evidentes do mau desenvolvimento do aluno.

O rendimento e o desenvolvimento dos alunos quando a família participa ativamente da vida escolar são evidentes, de modo que a aprendizagem ocorre com muito mais tranquilidade e a probabilidade desses alunos alcançarem os objetivos almejados pela escola é muito maior. Por outro lado, numa família que não participa ativamente da vida escolar de seus filhos, os alunos já não rendem bons resultados e conseqüentemente o desenvolvimento se tornará muito mais lento.

Por isso, percebemos que quanto mais cedo a família participar do cotidiano escolar da criança melhores serão seus resultados. A família é a base para qualquer ser humano crescer com valores, atitudes morais, afetivas e éticas para conviver na sociedade. A família tem fundamental importância na vida escolar dos seus filhos. As transformações sociais na sociedade têm acarretado grandes mudanças em nosso cotidiano, principalmente no espaço da sala de aula, em que acontecem os grandes encontros, a troca de experiências, as discussões e

interações entre os alunos, o carinho, a ajuda, enfim, as relações afetivas existentes entre professor e aluno.

Também nesse ambiente o professor observa seus educandos, identifica suas conquistas, suas dificuldades e os conhece cada vez melhor. Por isso, o educador necessita fazer uma reflexão sobre o seu papel na vida dos alunos e de todos os integrantes do seu ambiente de trabalho. Nesse sentido, sabemos que “ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente aos pais o interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades” (PIAGET, 2007, p. 50).

As experiências vividas no âmbito da vida social e escolar levam as crianças a terem um comportamento diferente. As manifestações ocorridas em cada instituição levam as crianças a se acostumarem com cada regra, seja de casa ou da escola, da igreja ou do parque. Enfim, o mais importante é a família cumprir seu papel sem jogar a culpa na escola e vice-versa, pois fazendo assim construirão pilares do diálogo e do respeito mútuo. A tarefa, certamente, ficará menos pesada se tais valores balizarem atitudes e comportamentos de toda a equipe escolar, fazendo professores, gestores e funcionários encontrarem respaldo e apoio durante os momentos mais críticos.

A postura de um filho que solicita a atenção da mãe é diferente da de um aluno que requer o apoio da professora. Na escola, também, as crianças aprendem tanto a reproduzir como a não reproduzir preconceitos que podem, de fato, estar arraigados na família. Cabe ao educador promover a aprendizagem da diversidade. Toda criança age pelos exemplos, ela começa a interiorizar tudo aquilo do mundo externo. Se em uma casa usa-se muitas palavras de baixo calão com certeza ela tenta reproduzir o que vive. Como diz Vygotsky (2007, p. 19):

A criança, à medida que se torna mais experiente, adquire um número cada vez maior de modelos que ela compreende. Esses modelos representam um esquema cumulativo refinado de todas as ações similares, ao mesmo tempo em que, constituem um plano preliminar para vários tipos possíveis de ação a se realizarem no futuro (VYGOTSKY, 2007, p. 19).

A maioria das crianças e até mesmo os jovens e adultos se espelham em um professor, o admiram, fazendo o exemplo tornar-se sua prática. Por isso, é muito importante o educador levar em consideração o contexto no qual aquele sujeito está inserido, buscar fatos da trajetória familiar na qual se insere, pois, de fato, somos muito além do que um profissional presente ali para ensinar as didáticas pressupostas no currículo, estamos ali acolhendo sujeitos com mais variados “mundos” dentro de si.

Nenhum professor nasce pronto, ele sempre está se refazendo, aprendendo, buscando. Nós professores vamos se reconstituindo enquanto cidadãos que produzem experiências por meio da socialização, da escuta do outro, da conversa do outro, enfim, vamos se identificando e formando nossa identidade através de relações externas e isso vai se articulando em dado espaço de tempo vivido e de prática exigente.

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira, às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 2010, p. 58). Quando falamos do papel do educador, logo lembramos estratégias ou métodos utilizados por eles para conseguir tal objetivo, ou teoria a ser seguida.

O professor atualmente não é aquele ser que sabe de tudo, o centro das coisas. Hoje, a aprendizagem é consolidada com a efetiva participação de todos, alunos, corpo docente, todos envolvidos na escola e a sociedade. E isso aconteceu graças ao biólogo Jean Piaget, com sua teoria sobre epistemologia genética, propondo o aprendizado a partir das experiências vivenciadas (LOPES, 2015).

Desde então, todas as discussões sobre aprendizagem partem do pressuposto de que para aprender é preciso de exemplos, experiências adquiridas de alguma forma pelo sujeito. Acreditamos muito nessa temática de experiências vivenciadas, pois a criança ou o adulto de alguma forma remete a circunstâncias já vividas que de alguma maneira levam para vida, seja a educação de valores, seja o hábito de ler.

3 METODOLOGIA

3.1 Contextualização da escola

A Escola Municipal Valentim Barbosa fica localizada no sítio Malhada Grande, na cidade de Queimadas, estado da Paraíba, CNPJ 03.126529/0001-44 e código do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) representado por 25079565. Atende alunos com faixa etária entre sete e catorze anos de idade, na modalidade do Ensino Fundamental. A instituição dispõe de recursos adequados para seu funcionamento, permitindo um desenvolvimento apropriado para seu alunado.

Em virtude da necessidade de implantar uma escola no sítio Malhada Grande, por volta do ano de 1967, o senhor Orlando Bezerra Nóbrega doou um terreno próximo à sua residência para a construção. Neste período, o gestor municipal era José Ribeiro. A escola recebeu o nome de Grupo Escolar Valentim Barbosa em homenagem às famílias Valentim e Barbosa, responsáveis pelo terreno doado para a construção da unidade escolar, e era composta por uma sala de aula, uma dispensa, um banheiro e uma área.

Com o passar dos anos, a população foi crescendo e a necessidade de reformar a escola surgiu, pois uma sala de aula não estava atendendo às necessidades e demandas da comunidade. O prefeito à época, José Pereira, iniciou uma reforma, ampliando a estrutura física da escola com mais uma sala de aula, uma cozinha, dois banheiros e uma área livre. Em 2010, a unidade escolar teve um número alto de matrículas, de modo que o local não comportava todos os alunos, principalmente da Educação Infantil, sendo alugado um prédio (anexo) para funcionar este segmento.

Dois anos depois foi feita uma nova reforma, desta vez na gestão do então prefeito José Carlos de Sousa Rêgo (Carlinhos de Tião). A escola consta hoje com três salas de aula, uma sala de informática, uma secretaria, uma cozinha, uma dispensa pequena, dois banheiros, uma área e um alpendre coberto. Após essa reforma, a escola passou a chamar-se Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Valentim Barbosa.

A comunidade rural na qual a Escola Municipal Valentim Barbosa está localizada é composta por pessoas que, em sua grande maioria, tiram seu sustento da agricultura e do comércio, e ainda da pecuária. Boa parte depende de recursos do Governo Federal, como o Bolsa Família e Seguro Safra; outra parcela de pessoas da comunidade é autônoma e se sustenta de formas variadas, de acordo com os produtos comercializados entre si.

Vale salientar que esta autora mora na comunidade em que a escola está inserida e também já trabalhou na instituição, sendo um privilégio realizar a pesquisa nesta comunidade.

3.2 Contextualização da pesquisa

A pesquisa tem caráter qualitativo, considerando as famílias como fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento. A presente pesquisa observou o comportamento dos pais diante de alguns questionamentos sobre a vida escolar deles e dos seus filhos, e como se manifesta a relação família e escola dentro do contexto vivenciado.

Para isso, foram utilizadas técnicas de coleta de dados como: entrevistas, depoimentos, descrição de pessoas e acontecimentos. O principal objetivo dessa pesquisa é observar como a relação família escola interfere para o sucesso ou o fracasso de uma criança, diante de uma visão de seus pais. A coleta de dados foi organizada através de uma entrevista semiestruturada, que, conforme Manzini (1991), focaliza um determinado assunto. Para a entrevista, confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas. Para Manzini (1991) esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Participaram dessa pesquisa duas famílias. A primeira família possui dois filhos. O esposo tem um trabalho fixo em uma das maiores empresas de Campina Grande - PB; a mulher, por sua vez, toma conta da casa e dos filhos, não trabalha fora. A segunda família tem quatro filhos, o esposo não tem renda fixa, a esposa também não trabalha, e sobrevivem de renda do Governo. Também participaram dessa entrevista duas professoras: uma da zona rural do município de Queimadas - PB e a outra mora na cidade de Campina Grande - PB, ambas têm curso superior e lecionam há quase duas décadas em escolas particulares e públicas.

4 RELATOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise dos dados da entrevista com os pais

Todos nós, professores e professoras, queremos muito e até observamos como é bom ter a família parceira da escola. Quando se tem uma família que ajuda, incentiva e apoia a criança, tudo fica mais fácil para que o aluno assimile o seu papel na vida social. A presença da família tornou-se especialmente importante desde 2020 até o presente momento, em que escrevemos essas linhas, pois a educação teve de se reinventar praticamente a todo instante com o avanço do novo *Coronavírus*. Nessa pandemia, tivemos de ficar distantes das crianças, as escolas foram fechadas e a partir daí começamos a trabalhar no formato remoto, em que precisamos muito do apoio da família para conseguirmos manter o vínculo.

A partir disso, pudemos observar infinitos contextos para a educação acontecer. Muitas famílias não podem oferecer um tempo necessário para ensinar os seus filhos. Por outro lado, pais e mães desdobram-se para conseguir oferecer um apoio maior na educação de seus filhos. Depois de muito diálogo e observação que tivemos durante nossa prática em sala de aula, vamos observar e mostrar como estão sendo vivenciados cada um desses processos e como nossas crianças estão sendo acompanhadas com o apoio dos familiares no que se refere ao ensino, em meio a tantas dificuldades hoje existentes. Para fazer essa análise, usamos um questionário com algumas questões acerca de como era a vida educacional dos pais entrevistados, bem como sua visão sobre o ensino de maneira geral, conforme veremos a seguir:

1 – O/A senhor/a frequentou a escola? Sim () Não ()	
Pai 1	Sim
Pai 2	Sim

Ambos os pais que participaram da pesquisa frequentaram a escola. Um fez o ensino médio completo e o outro cursou até a 5ª série (atual 6º ano). Dessa forma, eles demonstram ter algum conhecimento sobre as normas de escola. É essencial para a aprendizagem o envolvimento dos pais com a escola. O compromisso com a educação dos filhos não é só levar para escola, eles precisam ter interesse, tanto a criança como aos pais no que consiste cada tarefa, dando seu apoio, mostrando empenho e responsabilidade.

Dessen e Polonia (2007, p. 22) apontam que “a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social”. A escola e a família devem caminhar juntas ao assumir um compromisso social com a vida de cada sujeito, mas ambas têm tarefas e responsabilidades diferentes. De todo modo, é dever das duas terem um comprometimento em educar moral, social, física e emocionalmente crianças e adolescentes. Papéis distintos são o da escola e da família, porém ambos se completam para uma melhor aprendizagem dos sujeitos aprendentes.

2 – O/A senhor/a sabe ler e escrever? Explique.

Pai 1	Sim. Estudei até o Ensino Médio completo. Gostava muito de estudar. Não tinha ajuda, pois minha mãe não tinha estudo suficiente. Parei por falta de condições.
Pai 2	Primeiro passo, a educação é o fundamento para um grande futuro promissor na vida de um grande homem. Mas com o estudo hoje nós pais nunca tivemos a oportunidade e a tecnologia que nossos filhos têm hoje, em mãos. É preciso estudar para ser um grande cidadão.

Os pais da pesquisa sabem ler e ambos pararam os estudos por falta de condições financeiras. As famílias tinham de trabalhar e não podiam oferecer o suporte para os estudos dos filhos, assim como relata um dos pais. Esses pais entendem a educação hoje como a ponte que leva a um caminho promissor e de alguma forma veem a tecnologia atualmente como uma ferramenta capaz de ajudar no ensino escolar de seus filhos.

Principalmente nesse ano de pandemia da COVID-19, em que a educação teve de reinventar-se, usamos os meios tecnológicos para a educação não parar, aulas *on-line*, reuniões pelos aplicativos, enfim, a tecnologia tornou-se uma aliada para mantermos o vínculo aluno/professor. Mesmo assim, não há tecnologia no mundo capaz de substituir um professor em sala de aula. O contato direto com a criança, as dúvidas, a interação professor/aluno, aluno/aluno são capazes de proporcionar uma aprendizagem fantástica que acontece no convívio escolar diariamente.

De acordo com Pires (2018), é sabido que o desempenho escolar individual de cada aluno depende não apenas do seu rendimento em sala de aula e da competência de seus professores, mas também do apoio da base familiar encontrada por este aluno em sua casa. A relação entre família e estudos e, principalmente, a maneira como a família de cada aluno comporta-se em relação ao seu desempenho escolar influencia os resultados obtidos por crianças e adolescentes, independente de classe social. É de extrema importância ter uma base sólida, em que os pais participam, interessam-se e ajudam seus filhos nas tarefas escolares.

3 – O/A senhor/a, como pai, auxilia nas atividades escolares de seu/sua filho/a?

Sim () Não ()

Pai 1 Sim

Pai 2 Sim

É muito gratificante para um professor ver a preocupação de alguns pais com a educação escolar de seus filhos. Já pudemos observar de perto o quanto essas atitudes fazem a diferença dentro de sala de aula. O aluno tem mais desenvolvimento, mais interesse em participar das vivências escolares. É claro que isso não é uma regra, pois sou prova viva de que, quando a família não tem condições de ajudar seu filho, porque não sabe de determinados conteúdos, existem outros mecanismos para ajudar, como procurar uma pessoa capaz de auxiliá-lo nas tarefas. Era isso que minha mãe fazia, pois ela não sabe ler. Mesmo assim, consegui chegar à universidade e minhas irmãs terminaram o Ensino Médio.

Acreditamos também no potencial de cada criança, o tempo que cada aluno leva para assimilar determinadas coisas, a aptidão para fins diversos, ou seja, depende também do que a criança busca, do desenvolvimento dela para alcançar os objetivos.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca, e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente aos pais o interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo uma divisão de responsabilidades (PIAGET, 2007, p. 50).

Percebo que quanto mais cedo a família participar do cotidiano escolar da criança melhores serão seus resultados. Assim, a família é a base para qualquer ser humano crescer com valores, atitudes morais, afetivas e éticas para conviver na sociedade. A família tem fundamental importância na vida escolar dos seus filhos.

4 – Se sim, de que forma?

Pai 1 Ajudando com os deveres extraclasse e dúvidas que estão em nosso conhecimento.

Pai 2 Procurar ajudar nas atividades, saber como está comportando-se na sala de aula, não perder aula, estar sempre acompanhando eles em tudo. Principalmente nas tarefas do dia a dia, não deixar que eles venham fazer só as tarefas, quando a professora for corrigir. Procurar ensinar, ter muita paciência, deixar que eles tirem as dúvidas com a professora para desenvolver o seu raciocínio psicológico, desenvolver e ficar gravado na sua mente.

Os pais preocupam-se de alguma forma com a educação de seus filhos, auxiliando-os da forma que seja conveniente, auxiliando-os nas tarefas de classe, acompanhando o dia a dia, participando de reuniões escolares, e isso contribui para a relação família e escola ser cada vez mais rica e permanente.

Mesmo aqueles pais com condições socioeconômicas boas e um nível de estudos alto, a ponto de saber e poder oferecer a seus filhos o melhor ambiente familiar e os mais variados estímulos positivos, sentem como a criança é um ser complexo, um mistério inesgotável e quantas potencialidades ela tem, não sendo possível imaginar. Esses pais sentem a necessidade de estudar mais para compreender e ajudar melhor seus filhos a crescerem (PICANÇO, 2012).

É nítida a preocupação dos pais em oferecer uma ajuda para seus filhos, eles são participativos na medida em que podem, tentam ajudar da melhor maneira possível. Esses pais esforçam-se para organizar um ambiente educativo para as crianças e oportunidades que de alguma forma eles não puderam ter.

5 – O/A senhor/a acha que a responsabilidade de auxiliar a criança nos deveres escolares deve restringir-se apenas à mãe? Por quê?

Pai 1	Não, porque os dois têm o mesmo papel em relação à educação dos filhos.
Pai 2	Não, a mãe não fez só. Precisa do apoio do companheiro, pois a mulher por si só já trabalha muito. O homem tem que auxiliar nas tarefas domésticas de casa. Na escola, ser participante junto com os filhos. O homem tem que ajudar, pois os dois juntos fica mais fácil nas tarefas domésticas, escolares, educação e no dia a dia.

O sistema de ensino exerce uma função complementar à da família para que a educação das pessoas faça-se da melhor forma possível. As famílias lhe confiam grande parte da educação de seus filhos. Mas ele não tem compromisso apenas com a família. Tem também com o sistema social como um todo, com os subsistemas cultural, econômico e político, e por isso, sua atuação vai além da satisfação dos desejos dos pais em relação ao tipo e à quantidade de instrução a ser ministrada a seus filhos. De qualquer forma, o sistema de ensino não está isolado da família. Um e outro devem caminhar juntos, por uma educação integral e harmônica (BRASIL, 1983, p. 11).

Os pais entrevistados têm a consciência de que não é só da mãe a responsabilidade de fazer as tarefas escolares, mas do pai também, pois os dois têm a mesma responsabilidade na atribuição dos cuidados da criança, assim como o compromisso com a vida escolar de seus filhos. Antigamente, o compromisso de trabalho era apenas dado ao homem, mas, na atualidade, na maioria dos lares brasileiros as mulheres já assumem algum tipo de trabalho, impedindo que elas sejam as únicas responsáveis pela educação dos filhos. Hoje, as tarefas

domésticas são divididas pelos componentes da casa, assim como as tarefas escolares das crianças.

6 – O/A senhor/a acha que o sucesso da criança na escola deve-se apenas à escola ou não?	
Pai 1	Não, porque a escola também necessita do apoio dos pais. No entanto, o conjunto é responsável pelo sucesso do aluno.
Pai 2	Não. O sucesso tem que começar logo de casa. Saber respeitar os mais velhos (pai e mãe). Aí, quando começar a estudar, já tem dentro de si o que significa respeito. A criança tem que saber o que é sim, o que é não. O que dá para comprar e o que não dá. Isso também é educação. Ele vai ficar se questionando o porquê. Aí ele mesmo vai descobrindo as palavras, de acordo com sua curiosidade, pois criança é curiosa.

Ambos os pais reconhecem que não é só na escola que as crianças e adolescentes adquirem conhecimento capaz de levá-los ao sucesso escolar. Esses pais percebem que a união da família e da escola faz diferença sim. O segundo pai fala com clareza que o sucesso deve começar logo de casa, ou seja, a educação moral para esse pai prevalece como valor carregado como princípios regentes da sua vida. Com isso, podemos observar que o ponto de vista do Pai 2 admite a importância de uma educação moralista com princípios notórios, que se preza o respeito, porque, acredita ele, se a criança respeita os mais velhos, partindo daí, vai saber respeitar os professores também.

Vale ressaltar que “pais e professores são inevitavelmente modelos para as crianças. Pode ser ‘bons’ modelos, moralmente falando, ou péssimos. Em qualquer dos casos suas ações, seus julgamentos e valores que se exteriorizam farão parte do modo de ser crianças” (MENIN, 1996, p. 99). Pais e professores são exemplos para seus filhos, tudo é passado de alguma forma por esses sujeitos, assim como outras instituições como a Igreja, por exemplo. A formação do caráter do sujeito tem um peso maior na infância e, com isso, a importância de ter uma família ou um apoio para as demandas dessas descobertas facilitará muito o desenvolvimento pleno da criança.

Para Didonet (2001), algumas ciências, como a Biologia e a Psicologia, vêm mostrando como os primeiros anos de vida são essenciais para o desenvolvimento da pessoa. A base da personalidade forma-se nesses primeiros anos. O cérebro atinge 80% do seu peso total aos quatro anos de idade. Aos três anos, a criança já adquiriu praticamente toda a estrutura de comunicação linguística que usará como adulto. Suas primeiras e mais marcantes experiências sociais já se fizeram antes dos quatro anos. Ela já terá, a essa idade, experimentado amor ou rejeição, carinho ou desprezo, atenção ou indiferença, apoio ou

proibição, confiança ou desconfiança, alegria ou tristeza. Essas vivências serão determinantes na formação de sua autoimagem e irão, conseqüentemente, pautar todo o seu comportamento futuro.

Por isso, é imprescindível a presença dos pais na faixa etária acima citada. Professores atuantes em creches ou em idade de pré-escolar também fazem parte desse grupo tão importante, o de formar cidadãos coerentes, dignos, com imagens de si mesmos, com comportamentos e atitudes que farão a diferença para todo o ser.

7 – O/A senhor/a tem conhecimento de que a Constituição Federal, mais precisamente o Artigo 205, reza que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa”? E o que o/a senhor/a acha disso?

Pai 1	Não tenho muito conhecimento de leis, mas acho importante para o desenvolvimento de todos e do país.
Pai 2	Depende de como você educou seus filhos. Nós temos uma grande plateia nos palcos da vida. É muito gratificante alguém ouvir coisas boas do seu filho, e saber que você educou, e hoje se tornou um grande cidadão um homem honesto, trabalhador, e estar sempre pronto para enfrentar os obstáculos da vida. A educação é o futuro de todos.

De acordo com os entrevistados, eles não têm muito conhecimento sobre leis. Mas, ao ficarem sabendo da existência dessas leis, ambos relataram acreditar serem muito importantes para o desenvolvimento de todos nós. No que se refere ao Art. 205 da Constituição Federal, está instituído que a educação de qualidade deve ser garantida para todos, sendo dever do Estado e da família promover e incentivar essa qualidade. Isso deve ser garantido de maneira participativa, cobrando dos gestores ou das partes envolvidas, contribuindo para o crescimento da criança, da escola e conseqüentemente da sociedade. A Constituição, no Art. 205, é clara ao estabelecer que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Raramente os pais sabem de alguma lei que fortaleça o vínculo da educação, ou permita a eles terem acesso para poder cobrar melhoria, fazerem-se mais presente na vida escolar de seus filhos. É muito importante professores incentivarem às famílias a pesquisar sobre essas leis, assim como os municípios, junto com as suas secretarias, divulguem para famílias terem acesso a esse tipo de material. Podemos destacar aqui alguns pontos relevantes da Constituição sobre educação. Dessa vez, o Art. 6º estabelece a educação como um direito

fundamental e dispõe: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Estamos assegurando às nossas crianças, por mais precários que sejam, alguns serviços disponibilizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Porém, estão determinados perante a lei direitos fundamentais como educação, saúde e alimentação, e cabe a nós sempre fiscalizarmos o porquê ainda existem crianças com grandes riscos de vulnerabilidade. Ora, se está na Constituição Federal, esses direitos devem ser garantidos.

4.2 Análise dos dados da entrevista com as professoras

Agora vamos analisar a fala de duas professoras de contextos completamente distintos. Uma é da rede municipal da cidade de Queimadas - PB, contratada e atuante há sete anos na profissão, mora na zona rural. A segunda é da rede municipal de Campina Grande - PB, efetiva e atua há quase 20 anos na Licenciatura. Entendemos que cada pessoa é singular, cada profissional carrega dentro de si bagagens específicas de sua prática social, de seus desejos e de seus anseios.

De fato, não podemos negar que antes de sermos professores somos pessoas com visões diferentes e estilos de vida diferentes e é muito importante compreender a realidade de cada sujeito, as múltiplas experiências de cada professor. Na verdade, a identidade de cada pessoa, pois essa singularidade faz a diferença na vida dos educandos e na sua prática de uma forma geral. Fizemos um questionário com cinco perguntas abertas para ambas as professoras, em que pudemos observar através de suas falas a importância dessa profissão, assim como o que motivou a escolha da docência.

1 – Professora, qual é a sua formação para o Magistério? Curso Normal ou Magistério Superior?	
Professora 1	Tenho formação em Curso Normal Superior.
Professora 2	Sou formada no Curso Normal Magistério, tenho curso superior em Pedagogia e especialização em Educação Especial e Inclusiva.

De acordo com Araújo (2012), em nosso país a formação inicial de professores para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (AIEF) perante lei deve ser realizada no curso de Pedagogia, na Escola Normal Superior e na modalidade Normal do Ensino Médio. Questões

essas importantíssimas para a prática do professor, pois não existe um trabalho de qualidade que não seja com a teoria, com formações, capacitações. A teoria é a base para manter uma educação de qualidade e o educador deve estar sempre buscando conhecimento para consolidar sua prática. Não pode existir a prática sem a teoria, nem a teoria sem a prática, assim ficaríamos no senso comum, sem fatos.

“A teoria sem a prática vira ‘verbalismo’, assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade” (FREIRE, 2010, p. 25). Ter formação profissional em universidades é um processo complexo que te leva a enxergar os mais profundos conhecimentos, instiga a crítica, a reflexão-ação, a autoavaliação, conhecimentos históricos e sociais relevantes para conhecer processos da identidade cultural. Desse modo, se fazem entender os meios sociais, sem julgamentos pré-estabelecidos. Segundo Brzezinski (2008), o trabalho de formação realizado por esta instituição tem por fim:

[...] desenvolver no indivíduo a capacidade de – em sua vida pessoal, em sociedade, no mundo do trabalho, em qualquer outra situação em que se encontre – entender e transformar o real, fazer a história, realizar a transcendente aspiração do homem para a liberdade, para a contemplação do verdadeiro, do belo, do justo (BRZEZINSKI, 2008, p. 35).

Para Brzezinski (2008, p. 36), uma entidade como a universidade é “universo da teoria, do rigor dos conceitos e dos métodos historicamente produzidos, da liberdade, da criação, da produção do novo, da ética”. Fica notória a importância de ter uma formação em entidades que estabelecem a teoria como bandeira de luta para entregar um trabalho de qualidade para a sociedade. Como retorno, teremos crianças e jovens mais preparados, com conhecimentos mais elaborados, seja pela criatividade, seja pelo reconhecimento de diversos fatores estabelecidos pelo professor através de sua ação-teoria e prática.

2 – E o que motivou escolher essa profissão? Você está satisfeita nela? Justifique a sua resposta.

Professora 1	A minha decisão na escolha dessa profissão foi a oportunidade que surgiu para trabalhar em sala de aula. Porém, não tinha formação e devido a essa questão iniciei o curso superior em Licenciatura. Sou e estou satisfeita na escolha que fiz, embora saibamos que é uma grande responsabilidade levar o conhecimento ao aluno.
Professora 2	O que me motivou na escolha da profissão foi ter vindo de uma família de professores e o amor por ensinar, passar um pouco do que sei para os meus alunos e receber deles ensinamentos para a vida me faz sentir-se satisfeita e motivada a continuar exercendo meu trabalho com orgulho e determinação.

Como podemos observar, a fala da Professora 1 deixa bem claro que ingressou na área da educação pela oportunidade de trabalho. No início, ela não tinha nem formação, só depois da oportunidade de trabalho foi que investiu em sua formação. Já a Professora 2 veio de uma família de professores e diz gostar de ensinar, passar o pouco que ela sabe para os alunos, o que a faz se sentir feliz.

É bem claro que cada professor tem seu jeito particular, único e irreverente de ser, e isso se faz presente no cotidiano escolar, como ministra suas aulas. A dinâmica professor-aluno faz-se no contexto social, promovendo diálogos, a troca de comunicação com aluno-aluno, professor-aluno. É importante, desde o começo do processo, ficar cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado (FREIRE, 2010).

A dinâmica da vida escolar do professor é magnífica. Cada dia estamos ali, frente a frente com mundos diferentes do seu, mas que se encontram em um dado momento, produzindo conhecimento, trocando saberes. Todo dia é algo novo reinventado. Por mais moderno que possamos ser e novas tecnologias adentrem para a sala de aula, nada e nenhuma tecnologia no mundo será capaz de substituir a presença do professor, a interação social é fundamental para o conhecimento.

Para Piaget (2007), a ação do sujeito sobre o meio é condição crucial na construção do conhecimento, pois o ato de conhecer não é algo predeterminado nas estruturas internas do sujeito, nem associado às contingências do meio, através dos mecanismos comportamentais (estímulo-resposta), mas, sobretudo, se estabelece na relação entre o sujeito e o meio a partir da mediação de produtos culturais, como os instrumentos, os signos (a palavra, o desenho, os símbolos). Nessa visão, todo conhecimento só se concretiza na interação entre sujeito e objeto, sendo que o professor deverá ser o sujeito que ocasiona as infinitas possibilidades para o aluno conseguir construir seus próprios significados.

3 – Quanto tempo tem de experiência no Magistério? Justifique sua resposta.

Professora 1	Tenho experiência em sete anos, onde três anos foram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e quatro anos no Ensino Fundamental I.
Professora 2	Tenho dezoito anos de experiência no Magistério, sendo treze na rede privada e seis na rede municipal de ensino. Desde meu primeiro ano de curso na Escola Normal comecei a ensinar em escolas particulares.

O tempo de experiência adquirido pelos professores ao longo de sua vida caracteriza-se em uma prática consolidada, desde que o professor sempre busque alternativas para agregar

em sua prática resquícios de teoria sobre determinado assunto, ou até mesmo para, a cada dia, inovar as ações pedagógicas.

É evidente que o saber do professor não provém de uma única fonte, que a titulação não é indicativo absoluto de qualidade, ao contrário, o saber reconhecido no título é fruto de uma relação dialética entre o saber científico e teórico, a experiência prática e a institucionalização desse saber. Para se tornarem profissionais, os professores devem construir um corpo de conhecimentos que é próprio à profissão, impedindo a existência de professores não legítimos, “improvisados” (BRANDÃO, 2007, p. 78).

Para ter uma “boa” qualidade de ensino, a prática deve unir-se à teoria para juntos direcionar a efetivação da aprendizagem de forma coerente e eficaz. Dessa forma, o aluno compreenderá melhor as metodologias. Conforme defende Marasini (2000, p. 127), é necessário relacionar o conteúdo a ser estudado com realidade dos alunos:

É isso que fará com que eles se motivem, se preocupem em aprender para afinal estarem aptos a aplicar no seu contexto de vida e que eles irão transformá-los em conhecimento, uma vez que a assimilação do conhecimento científico (saber sábio) com o conhecimento em sala de aula (saber ensinado) exige que façamos uma adequação para que o aluno possa compreendê-lo (MARASINI, 2000, p. 127).

É esse o papel do professor: facilitar a mediação do conhecimento para o aluno. Através da mediação do educador, o saber científico torna-se mais atraente para o educando. A maneira como é passado ou transferido o conteúdo permite uma melhor compreensão para o educando. A metodologia, a prática e o conhecimento que o professor vai adquirindo a partir dos anos de experiência vão oferecendo subsídio para nortear suas aulas com uma dinâmica mais motivadora e eficiente.

4 – Você considera importante participar de formações continuadas? Se sim, já participou de formações? E o que mais te marcou nessas formações as quais te serviram para você poder aproveitar na sua prática pedagógica de sala de aula?

Professora 1	Considero muito importante a participação em formações continuadas, pois o professor precisa estar sempre atualizado, além de contribuir para a evolução do seu trabalho. O que mais marcou foi a importância de criar novas práticas de aprendizagem utilizando material concreto, trabalhando com o lúdico, dando novo significado às práticas pedagógicas.
Professora 2	Em nossa profissão é sempre muito importante continuar aprendendo. Já participei de várias formações que me ajudaram a melhorar minha prática pedagógica. As formações mais proveitosas são aquelas que nos mostram a realidade da sala de aula e nos ajudam a entender melhor o processo de aprendizagem dos nossos alunos.

As professoras entrevistadas consideram importantes as formações continuadas, pois, segundo elas, essas formações contribuem para melhorar a prática pedagógica. São de extrema importância as formações continuadas, porque são elas que oferecerão subsídios para nortear a prática da sala de aula, com conteúdos mais significativos. As inovações pedagógicas ajudam a consolidar o aprendizado, e uma dessas inovações são as formações continuadas.

Nessa concepção de formação e formação continuada para professores, fundamentamo-nos nas ideias de Garcia (1999). Essa autora discute a problemática como um processo que inclui referências conceituais e teorias a respeito de formação de professores e de profissão docente. De acordo com Brzezinski (2008), a palavra “formação” é susceptível de múltiplas interpretações. De origem latina, vem de *formatione*, significa ato, efeito, modo de formar. Como consta em Houaiss e Villar (2001, p. 1.327), o termo reporta-se “ao conjunto de conhecimentos e habilidades específicos a um determinado campo de atividade prática ou intelectual”.

Ao trazer esses conceitos para a nossa prática pedagógica, é imprescindível ter formações continuadas. Através dessas formações, podemos entender melhor o processo de ensino-aprendizagem, de modo que podem e devem nortear a prática dos professores. De acordo com Ferry (1987 *apud* BRZEZINSKI, 2008), a formação de educadores possui uma natureza específica e apresenta particularmente três traços distintivos de qualquer outra formação: a) é uma dupla formação, pois, simultaneamente, é acadêmico-científica e pedagógica; b) é uma formação profissional, porquanto tem por finalidade formar pessoas que irão dedicar-se à profissão de professor; c) constitui formação de formadores, porque se desenvolve em um espaço no qual se realiza a formação de quem se forma, ao mesmo tempo em que ocorre a prática profissional do formador.

Nesse contexto, as formações continuadas consistem em estratégias pedagógicas: a ludicidade, o uso de diversas ferramentas, tais como jogo, material concreto, o uso de novas tecnologias, tudo isso para auxiliar o professor no processo de ensino-aprendizagem e poder tornar as aulas mais interativas, dinâmicas e participativas, objetivando a motivação dos alunos, facilitando a solidificação dos conhecimentos passados no âmbito escolar. No VIII Encontro Nacional da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE) em 1996, firma-se a ideia de que a formação continuada de professores é um processo ininterrupto que deve:

[...] proporcionar novas reflexões sobre a ação profissional e novos meios para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, considerando que o conhecimento produzido e adquirido na formação inicial, na vivência pessoal e no saber da experiência docente deve ser repensado e desenvolvido na carreira profissional (ANFOPE, 1996, p. 23).

As formações continuadas servem justamente para pensarmos e repensarmos nossa prática pedagógica, e elas devem fazer parte da carreira do professor, pois são através das formações continuadas que a contribuição para a transformação tanto do professor quanto do aluno acontece de forma mais relevante.

5 – Para você, qual o papel da escola e sua função social?

Professora 1	O papel da escola é socializar o conhecimento, atuando na formação do caráter, valores e princípios morais do indivíduo, para desenvolver suas qualidades e para a vida em sociedade.
Professora 2	A função social da escola é o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, formando cidadãos críticos e participativos na sociedade em que vivem.

Ao observar e analisar as falas de ambas as professoras, é possível notar que, para elas, a função social da escola é externar o conhecimento produzido, bem como formar cidadãos críticos e participativos em sociedade. No ambiente escolar, o professor encontra um caminho produtivo não só para o ensino-aprendizagem, mas para um espaço de relações capaz de possibilitar ao aluno desenvolver e respeitar os demais.

Segundo Kenski (2007, p. 64), “a escola precisa enfim garantir aos alunos cidadãos a formação e a aquisição de novas habilidades, atitudes e valores, para que possam viver e conviver numa sociedade em permanente processo de transformação”. Estamos em constante evolução e a sociedade sempre nos impõe muitos desafios, principalmente para a educação, em que novas estratégias deverão sempre vir acompanhadas de objetivos e metodologias capazes de proporcionar o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos.

A escola é uma instituição que abarca diversos objetivos e desenvolvimento, tendo como função social diversos fatores, ligados às mais diversas instituições, como o Estado. Para Saviani (2007), é necessário compreender a escola a partir dos fundamentos históricos e ontológicos entre trabalho e educação, atividades especificamente humanas. O ponto de partida entre as duas é uma relação de identidade:

Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações. A produção

da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem. Assim, enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia a experiência corrobora necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da continuidade da espécie (SAVIANI, 2007, p. 154).

A escola é bem isso, configura uma continuidade no processo da aprendizagem e do conhecimento, promove a responsabilidade de práticas sociais, familiares e, sobretudo, transforma o indivíduo para viver ativo em uma sociedade democrática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desse trabalho foi o de investigar como ocorre a relação família-escola no processo de ensino-aprendizagem de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I na rede municipal da cidade de Queimadas - PB. Nesse sentido, em primeiro lugar, gostaríamos de enfatizar a satisfação e muita alegria em chegar a essa fase final do trabalho. Isso porque sempre tive vontade de falar sobre esse tema tão importante, mesmo que seja algo já bastante estudado.

Percebemos que só se comprova o que é pesquisado e isso também vale para a relação entre família e escola. Pode parecer até clichê quando dizemos que a família é a base para um desenvolvimento satisfatório na escola. Família é a ponte para chegar ao nível mais desejado que se queira alcançar na vida. É na família onde encontramos refúgio, mas também não podemos ser hipócritas em dizer ou querer falar bonito sobre família perfeita, pois existem casos e casos contrários de toda essa minha visão.

Existem pessoas, crianças que sofrem traumas, abusos, violências domésticas por pessoas com quem convivem diariamente e, supostamente, são vítimas sem coragem de denunciar, porque o agressor, muitas vezes, é o pai, tio, enfim, casos esses que nos deixam assolados com tamanha crueldade e falta de amor ao próximo. Mas trago essa reflexão para comprovar que tudo isso que acontece e passa nessas famílias acarreta muitas dificuldades na vida de qualquer pessoa que vivencia esse conflito.

É nítido observar o comportamento de um aluno que vive em um lar conturbado, no qual não vive com pai, em que a mãe tem muitos filhos e não consegue oferecer um suporte adequado para eles, mas isso não é regra geral para não acompanhar a vida escolar de seus filhos. Eu mesma sou prova viva de que, quando queremos algo, bastamos lutar por ele. Minha mãe não sabe ler e meu pai trabalhava no Rio de Janeiro, só vinha de dois em dois anos. Digo assim, porque éramos quatro filhas. Mesmo assim, minha mãe olhava nossos cadernos e observava. Se tivesse alguma atividade para fazer, ela ia atrás de ajuda. Pedia, então, para sua irmã, no caso a minha tia, para ajudar-nos nas tarefas de casa. No livro, era a mesma coisa, observava se alguma atividade estava por fazer.

Ela não sabia ler, mas regularmente passava na escola para saber como estávamos no quesito comportamento, na aprendizagem. Enfim, por esse meio minha mãe auxiliou-nos e hoje todas nós conseguimos chegar aonde queríamos. Ressalto essa história com muito orgulho, para servir de exemplo para muitas famílias que por tão pouco alegam não poder ajudar seus filhos.

Não é o meu objetivo esgotar por aqui essa discussão, fato esse impossível, mas gerar a ação de refletir sobre o quanto a família e a escola são de fundamental importância para o desenvolvimento pleno social, emocional e moral da criança. Essas duas instituições são alicerces para desenvolver de forma satisfatória a identidade da criança. Quanto mais tempo passo em sala de aula, mais observo que uma criança com pais frequentes na escola, ou que mantém uma boa relação com a escola, mais o rendimento e o desenvolvimento dela é significativo em todas as fases.

REFERÊNCIAS

- ANFOPE. Documento Final. *In: Anais*. VIII Encontro Nacional da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação. Belo Horizonte, 25 a 28 de julho de 1996. Disponível em: <https://www.anfope.org.br/wp-content/uploads/2018/05/8%C2%BA-Encontro-Documento-Final-1986.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2021.
- ARAÚJO, S. R. P. **O que sabem sobre pesquisa professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental?** 2012. 140f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Curso de Mestrado Acadêmico em Educação, Fortaleza, 2012. Disponível em: http://www.uece.br/ppge/wp-content/uploads/sites/29/2019/06/Disserta%C3%A7%C3%A3o_SANDRA-REGINA-PIRES-DE-ARA%C3%A7O.pdf. Acesso em: 12 jul. 2020.
- BARBOSA, M. S. S. **O papel da escola: obstáculos e desafios para uma educação transformadora.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6668/000488093.pdf?sequenc>. Acesso em: 04 jul. 2020.
- BORDIEU, Pierre. **Escritos de educação.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, S. M. B. A. **A centralidade da maternagem na relação pedagógica da Educação Infantil: o discurso de docentes e famílias usuárias de creche.** 2007. 115f. Dissertação (Mestrado Indisciplinar em Ciências da Sociedade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2007. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/1820/1/SorayaMariaBarrosDeAlmeidaBrandao.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Imprensa Oficial, 1988.
- BRASIL. **Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN).** Lei nº 9.394/96, Brasília: MEC/SEF, 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus. **Atendimento ao pré-escolar: Educação e Psicologia.** 5. ed. Brasília: MEC, 1983.
- BRZEZINSKI, I. Políticas contemporâneas de formação de professores para os anos iniciais do Ensino Fundamental. **Educação & Sociedade**, 29 (105), dez. 2008.
- CAHALI, Y. S. **Divórcio e separação.** 11. ed. São Paulo: RT, 2003.
- CORDEIRO, F. O. **A função social da escola: relação família-instituição e suas tensões na ação compartilhada.** 2018. 258f. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Goiânia, 2018. Disponível em:

<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/4041/2/FABIANE%20DE%20OLIVEIRA%20CORDEIRO.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

DEL PRETTE, A. P. A. **Psicologia escolar e educacional, saúde e qualidade de vida: explorando fronteiras**. Campinas: Alínea, 2001.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paideia**, Ribeirão Preto, maio 2007.

DIDONET, V. Educação Infantil: a creche, um bom começo. **In: Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**, v. 18, n.73. Brasília, 2001.

FREIRE, M. Relatos da (com)vivência. **In: Caderno de Pesquisa**, São Paulo (56), fev. 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **In: Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, jan./abr. 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papiros, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 2003.

LOPES, K. B. **Psicologia da Aprendizagem**. Cuiabá: UFMT, 2015. Disponível em: http://www.proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/1584/Psicologia_Aprendizagem_06_07_15.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 jul. 2020.

MAAMARI, A. M. A fundamentação filosófica da escola republicana. **Contexto & Educação**, Editora Unijuí, ano 24, n. 82, jul./dez. 2009.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 27, 1991.

MARASINI, S. M. Contribuições da didática da Matemática para a educação matemática. **In: RAYS**, Oswaldo Alonso. **Educação e ensino: constatações, inquietações e proposições**. Santa Maria: Pallotti, 2000.

MARQUES, P. B.; CASTANHO, M. I. S. O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, Maringá, jan./jun. 2011.

MENIN, M. S. S. Desenvolvimento moral. **In: MACEDO, L. Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Orgs.). **Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIRES, M. A. R. A importância da parceria família e escola. *In: GETEC*, v. 7, n. 16, 2018.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

PICANÇO, A. L. B. **A relação entre escola e família: as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem**. 2012. Relatório de Mestrado (Mestrado em Supervisão Pedagógica), Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicanco.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. São Paulo: Ática, 2002.

VALLE, T. G. M. **Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA *ON-LINE* COM OS PAIS



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
EDUCAÇÃO ESCOLAR**

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: DE SUA PARTICIPAÇÃO, COMPROMISSO, ENGAJAMENTO À SUA CORRESPONSABILIZAÇÃO

1. O/A senhor/a frequentou a escola? Sim () Não ()

2. Sabe ler e escrever? Explique.

3. O/A senhor/a, como pai/mãe, auxilia nas atividades escolares de seu/sua filho/a?

Sim () Não ()

4. Se sim, de que forma?

**APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA *ON-LINE* COM AS
PROFESSORAS**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
EDUCAÇÃO ESCOLAR**

**RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: DE SUA PARTICIPAÇÃO, COMPROMISSO,
ENGAJAMENTO À SUA CORRESPONSABILIZAÇÃO**

1. Professora, qual é sua formação para o Magistério? Curso Normal ou Magistério Superior? _____

2. E o que a motivou escolher essa profissão? Você está satisfeita nela? Justifique a sua resposta.

3. Quanto tempo tem de experiência no Magistério? Justifique a sua resposta.
